

O IDEAL HISTÓRICO DE JACQUES MARITAIN EM DIÁLOGO COM A VIOLÊNCIA RELIGIOSA NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.7151325250215>

Data de aceite: 15/05/2025

Moacir Ferreira Filho

Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo com período intercalar com a Universidade Católica Portuguesa (UCP-Lisboa). Pós-graduado em Direito Processual Civil pela FAVENI. Bacharel em Direito pela UNISUZANO. Bacharel em Filosofia pela FAPCOM. Professor do Centro Universitário FAVENI – UNIFAVENI e Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI.

RESUMO: A presente pesquisa oferece uma análise crítica acerca do cenário político contemporâneo. Teoricamente e pedagogicamente, aprendemos que Religião e Política se separam a partir dos séculos XVII e XVIII com o nascimento do Estado Moderno, porém na prática é notório que, ainda, a Religião é utilizada como cabo eleitoral e instrumento de subalternização e perpetuação de uma relação de poder entre dominantes e dominados. Nesse sentido, Jacques Maritain se torna um autor chave para compreender tal fenômeno e vislumbrar uma possível saída a partir da qual não apenas determinados grupos tenham

sua dignidade garantida, mas sim, todos aqueles inseridos na sociedade enquanto pessoa humana. Este estudo explora o ideal histórico de Jacques Maritain frente às polarizações em curso, respaldada, muitas vezes, pelo discurso religioso propondo um caminho de consideração universal da dignidade da pessoa humana. Através de uma metodologia bibliográfica de natureza aplicada e de caráter documental e exploratório, examina-se como o projeto histórico do filósofo francês pode oferecer perspectivas para lidar com o referido embate que persiste em acompanhar o antropoceno. Além disso, pretende-se discutir a importância contínua da visão de Maritain na promoção da dignidade da pessoa humana à medida em que enfrentamos desafios como a desigualdade, a intolerância, a erosão dos direitos individuais e a violência, elementos esses que justificam a relevância e a contribuição do tema para o GT.

PALAVRAS-CHAVE: Ideal histórico; Jacques Maritain; Violência Religiosa; Política Contemporânea.

PRESSUPOSTOS ACERCA DO IDEAL HISTÓRICO DE JACQUES MARITAIN

Por oposição ao princípio totalitário e a todas as perversões que ele acarreta, as novas concepções de que falo terão que pôr em evidência o valor fundamental do princípio pluralista. Este princípio estende-se a todo campo da vida social e política; é dele que se pode esperar em particular uma solução razoável dos problemas da escola e da coabitação harmoniosa das diversas famílias espirituais, com suas concepções morais específicas, no seio da comunidade temporal. (MARITAIN, 1967, p. 134-135)

O “Humanismo Integral” tem papel central na filosofia maritainiana. É nessa obra que o filósofo refina alguns conceitos já expostos anteriormente e também propõe soluções para os problemas contemporâneos a ele que muito se assemelham ao contexto político global do século XXI: guerras, fome, tragédias, intolerância, polarizações, democracias enfraquecidas... O filósofo profeta escreve essa obra como um compilado de aulas ministradas em 1934 na Universidade de Santander, porém essa passa por uma reedição em 1946 e foi revista pela última vez em 1968. Portanto, é uma obra que perpassa duros problemas da humanidade. Ela começa a ser escrita durante a Guerra Espanhola e passa pela Segunda Guerra Mundial.

A começar pelo termo que dá nome à obra, Maritain (2018) postula que é possível perceber como o termo “humanismo” é ambíguo, mas não deixa de dar sua definição. A depender da metafísica com que se envolve (ou não) esse termo, suas consequências políticas e sociais terão grandes proporções.

(...) digamos que o humanismo (...) tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano, e a manifestar sua grandeza original fazendo-o participar de tudo que pode enriquecê-lo na natureza e na história (...) ele exige ao mesmo tempo que o homem desenvolva as virtualidades nele contidas, suas forças criadoras e a vida da razão, e trabalhe para fazer das forças do mundo físico instrumentos de sua liberdade. (MARITAIN, 2018, p.15)

No que se refere a conceituação religiosa do referido termo, o esposo de Raíssa recorda que para alguns teóricos, um humanismo autêntico só poderia ser antirreligioso, porém ele pretende demonstrar o contrário com sua obra. Maritain (2018) reforça que desde o Renascimento, o Ocidente passou do regime sacral cristão para um regime humanista, porém esse regime humanista tem fontes religiosas e transcendentais sem as quais ele se torna incompreensível. Ele adjetiva como transcendente a todo pensamento, por mais diversificado que isso possa ser, que coloca um ente superior ao humano na origem do mundo. Algo que vai além do tempo.

Aparentemente, o humanismo moderno e contemporâneo se encontra totalmente emancipado de quaisquer ideias metafísicas, porém se ainda subsiste em sua fundamentação alguma concepção comum acerca da liberdade e da dignidade da pessoa humana, isso é prova do resquício de sua herança religiosa que passaram a ter menos peso que durante a

era sacral. Por outro lado, aqueles que defendem ainda alguma herança cristã, utilizam-se dela para defender ideais totalmente opostos a essência do cristianismo. Contra esse mal, pretende-se a instauração de um regime capaz de combater a marcha crescente de um desumanismo que desvaloriza a pessoa humana e sua dignidade.

É necessário um novo regime: o humanismo integral. Ele é composto por uma nova cristandade, não mais sacral aos moldes da Idade Média, mas uma nova cristandade secular que possui a essência do cristianismo como sua primeira fundamentação, isto é, o amor fraterno. (MARITAIN, 2018)

Este novo humanismo (...) não adora o homem, mas respeita realmente e efetivamente a dignidade humana e reconhece as exigências integrais da pessoa, nós o concebemos como orientado para uma realização social-temporal desta atenção evangélica ao humano que não deve existir somente na ordem espiritual, mas encarnar-se, e também para o ideal de uma comunidade fraterna. (MARITAIN, 2018, p.19)

Como percebido, Maritain (2018) aponta como problemáticos os efeitos sociais do pensamento moderno que perduram até a contemporaneidade onde ele vive. Por outro lado, ele não se limita a fazer críticas, mas também propõe soluções para tais problemas. De imediato, cabe citar a proposta do que ele chama de “um novo humanismo” cujas características serão destacadas futuramente, porém vale lembrar que o francês não deixa de reconhecer a ineficácia do mundo sacral medieval cristão em relação ao próprio cristianismo. O ressentimento do mundo moderno para com o mundo cristão deve-se ao fato de que ele foi infiel aos seus próprios princípios, porém considera-se uma distinção entre o que se chama de “mundo cristão” e “cristianismo”. Se Maritain ainda estivesse vivo, notaria que essa infidelidade ainda perdura.

(...) o mundo cristão não é a mesma coisa que o cristianismo. É essencial ter uma clara consciência dessa distinção. A palavra cristianismo, como a palavra Igreja, tem um significado religioso e espiritual, designa fé e uma vida sobrenatural. Pela expressão mundo cristão, ao contrário, entende-se qualquer coisa de temporal e de terreno, que diz respeito, não à ordem da religião, mas da civilização e da cultura. É um certo conjunto de formações culturais, políticas e econômicas, característico de uma determinada época da história (...). (MARITAIN, 2018, p.53-54 – grifos do autor)

Feita essa distinção, Maritain (2018) aponta que a tarefa temporal do mundo cristão é trabalhar para que as verdades evangélicas sejam realizadas socio-temporalmente já neste mundo, pois o Evangelho fornece soberanas regras de conduta como uma espécie de quadro moral muito preciso ao qual a civilização cristã deve se conformar apesar das diversas condições da história. Em se falhando nessa tarefa, como aconteceu, ocorre o que Maritain chama de “ressentimento”.

O mundo moderno e, conseqüentemente, o contemporâneo carregam um ressentimento contra aqueles que, ao se considerarem portadores e participantes de uma civilização cristã, não souberam realizar a verdade de que eram portadores. Nessa

perspectiva, as pessoas, ao observar tal contradição entre ideal e prática, recorrem a outros tipos de ideologias, tal como, à época de Maritain aderiram ao comunismo e ao ateísmo. Deste modo, ocorre o que o esposo de Raíssa nomeia de “processo de substituição”, principalmente, no que se refere à substituição do cristianismo pelo marxismo.

- citar características

A VIOLÊNCIA RELIGIOSA NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

De acordo com o Dicionário de Ciência da Religião (Usarski, Teixeira e Passos, 2022), o conceito de violência “a violência (...) supõe sempre uma potência que exerce coação extrínseca (física, ética, moral, mental, emocional, psicológica, econômica, política, social, religiosa etc.) sobre outrem sem consentimento, padece tal opressão”. (USARSKI, TEIXEIRA, PASSOS, 2022, p. 885)

Historicamente e pedagogicamente, estuda-se que Religião e Política se separaram em meados dos séculos XVIII fazendo com que o Estado não mais dependesse das decisões da Igreja, porém na prática, principalmente, a nível de Brasil, não é isso que acontece. Ainda hoje, os políticos recorrem ao discurso religioso como meio de angariar votos ou até mesmo de difamar a imagem de seus adversários.

A nível de exemplo, podemos citar dois fatos mais recentes que ocorreram no Brasil. Um de âmbito presidencial e outro municipal.

No ano de 2022, muito veículos de comunicação tivera a iniciativa de “caçar fake news”. Em uma dessas caças, fez-se necessário vir a público relatar que o então candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva, não teria nenhum tipo de ligação com o satanismo. É o que demonstra Santiago (2022) ao noticiar que um vídeo de 2021 distorcia uma fala do candidato e faz o internauta crer que Lula teria uma espécie de “pacto com o demônio”. Após a fala, há um corte no vídeo que direciona a uma visita dele a um terreiro de uma religião de matriz-africana fazendo com que ela seja demonizada. Na fala original sem distorções, o então candidato ao planalto discursou:

Vocês sabem que eu tenho conversado com muita gente da religião de matrizes africanas, e eu sei que os bolsonaristas estão fazendo uma verdadeira guerra na rede social. Eu, ontem, quando eu cheguei, as mulheres no palco jogaram pipoca em mim e me entregaram um santo. Como é que chama? Me entregaram um xangô, e nas redes sociais do bolsonarismo eles estão dizendo que eu tenho relação com o demônio, que eu estou falando com o demônio e o demônio está tomando conta de mim” (SANTIAGO, 2022)

Apesar dos esforços em desmentir tais acusações, os dados do portal UOL de notícias indicam que a notícia fala teve 2,7 mil visualizações, 195 compartilhamento, 16 curtidas e dois comentários.

No âmbito municipal mais recente, o candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal (PRTB), que disputava a atenção da Direita desafiou seu adversário Ricardo Nunes em uma discussão de cunho religioso. Segundo o Portal de Notícia da UOL (2024), o ex-coach questionou se o prefeito de São Paulo seria realmente cristão e o acusou de decorar salmos escolhidos por seu marqueteiro: “Cita aí pelo menos duas igrejas de Apocalipse, quem é o pai de Melquisedeque, o nome de pelo menos dois filhos de José. Mostre que é alguém assíduo na palavra”. A fala de Marçal ocorre exatamente na semana na qual ele mesmo buscou apoio de grandes pastores da ala protestante de São Paulo. No mesmo debate, Marçal acusou Ricardo Nunes de citar passagens bíblicas sem nem mesmo saber onde localizá-las e o desafiou a comprovar que é um homem assíduo na palavra, um homem de oração. “A Bíblia tem mais de 30.000 versículos, ele não consegue citar nem 2 aqui”.

É interessante notar que nas eleições em um país considerado laico, discute-se muito acerca de pertença religiosa e não dos problemas sociais, de fato. Parece que é uma eleição de conclave onde há uma disputa para eleger que está mais alinhado a um determinado tipo de discurso religioso e sua doutrina.

O IDEAL MARITANINIANO E A VIOLÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA

Jacques Maritain enxergava a política como um campo de ação temporal que deveria estar em consonância com os valores cristãos, sem que houvesse uma fusão coercitiva entre Igreja e Estado. Para ele, o “Humanismo Integral” defendia um cristianismo que deveria ser traduzido em ações seculares comprometidas com a dignidade humana e com a promoção de uma comunidade fraterna, onde a religião inspirasse a ética, mas sem violar a autonomia política. Em contrapartida, a realidade contemporânea revela uma crescente instrumentalização religiosa que gera violência simbólica e exclusão, intensificando polarizações e afetando negativamente a esfera pública.

A distorção do ideal de Maritain se observa quando figuras políticas utilizam-se de discursos religiosos como arma eleitoral e de coação moral, desviando-se do humanismo integral para alcançar fins de poder. Esse fenômeno, comum em diversas nações e visível nos embates eleitorais brasileiros, reflete uma crise de valores em que o princípio fraterno e inclusivo defendido por Maritain é substituído por discursos que fomentam a exclusão e o ódio entre diferentes correntes religiosas e ideológicas. Como Maritain previa, a falha em sustentar um cristianismo secular autêntico e fraterno abre caminho para um “ressentimento” social, levando cidadãos a recorrerem a ideologias extremas que exploram o desencanto com um cristianismo mal praticado.

Assim, o uso político da religião não apenas viola o ideal de Maritain, mas também é causa de violência simbólica que desumaniza o outro e mina o espaço de convivência pluralista, desrespeitando o princípio de liberdade e dignidade humana que o filósofo tanto valorizava. Maritain acreditava que, sem uma base humanista genuína e fraterna, o cristianismo na política perderia seu papel civilizatório, tornando-se um meio de opressão, em vez de uma força libertadora.

Em sua proposta, Maritain (2018) arrisca que se a teologia do futuro e a filosofia cristã se dedicarem em resgatar os princípios do pensamento tomista acerca da graça e da liberdade, elas poderão fazer descobertas essenciais para que a pessoa humana compreenda a fragilidade de sua própria liberdade. Essa nova era não será de esquecimento sagrado do humano, a nova era da cristandade pretende dar uma atenção evangélica ao humano envolto pelo humanismo teocêntrico. Consequentemente, há de se garantir o respeito à dignidade da pessoa humana que convém a uma sociedade pluralista onde todos tenham voz e vez. “A meu ver, esse problema da defesa efetiva da liberdade, contra os que se prevalecem da liberdade para destruí-la, não pode ser resolvido convenientemente senão por uma reconstrução da sociedade sobre uma base orgânica e pluralista”. (MARITAIN, 1967, p.120)

Ele requer uma transformação substancial que consiste não somente na instauração de novas estruturas sociais para suceder o regime capitalista, mas exige, concomitantemente, o crescimento das forças de fé, de inteligência e de amor que “brotam das fontes interiores da alma, um progresso na descoberta do mundo das realidades espirituais”. (MARITAIN, 2018, p.98)

(...) porque nós nascemos para tender à perfeição do amor, de um amor que envolve realmente a universalidade dos homens, sem deixar lugar para o ódio contra nenhum deles, e que transforma realmente o nosso ser, o que não é possível a nenhuma técnica social nem a nenhum trabalho de reeducação (...). (MARITAIN, 2018, p.100)

REFERÊNCIAS

<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/09/30/igrejas-debate-folha-uol.htm>

<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/08/22/lula-video-relacao-com-demonio.htm>